

**A RELAÇÃO ENTRE FILOSOFIA, LITERATURA E A
SUBJETIVIDADE EXISTENCIAL: A LITERATURA COMO ATELIÊ
DA EXISTÊNCIA HUMANA**

***THE RELATIONSHIP BETWEEN PHILOSOPHY, LITERATURE AND
EXISTENTIAL SUBJECTIVITY: LITERATURE AS A STUDIO OF
HUMAN EXISTENCE***

José Alan Silva Pereira.¹
Sandro Cozza Sayão.²

RESUMO

A relação entre filosofia, literatura e a constituição da subjetividade existencial é o foco desta análise. O objetivo do texto apresentado é compreender em que medida podemos pensar em uma interpretação existencialista de nós mesmos, considerando a influência da experiência estética como mola propulsora de toda a dinamicidade que nos constitui enquanto entes de liberdade e de notável capacidade de transformação e reconfiguração. A proposta é partir de uma análise filosófica da experiência estética para compreender em que medida a literatura serve aos fins de construção da própria vida individual, reconhecendo e assumindo as narrativas literárias como promotoras de tensões no próprio indivíduo, seja por meio das funções catárticas ou hedonísticas presentes na estética literária.

Palavras-chave: Eu profundo; Estética; Cultivo do Espírito.

ABSTRACT

The relationship between philosophy, literature and the constitution of existential subjectivity is the focus of analysis here. The objective of the presented text is to understand the extent to which we can conceive of an existentialist interpretation of ourselves, considering the influence of aesthetic experience as a driving force behind the dynamics that constitute us as beings of freedom and remarkable capacity for transformation and reconfiguration. The proposal is to begin with a philosophical analysis of aesthetic experience to understand the extent to which literature serves the purpose of constructing individual life, recognizing and assuming literary narratives as promoters of tension within the individual, whether through cathartic or hedonistic functions present in literary aesthetics.

Keywords: Deep self; Aesthetics; Cultivation of the spirit.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2019). Mestre em Filosofia pela UFPE (2012). Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru - FAFICA (2009). e-mail: josealan462@gmail.com.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (2006) e Pós-doutorado pela Université de Paris. Mestre em Filosofia pela PUCRS (2001) e Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (1999). Graduação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG (1996). e-mail: sandro.sayao@ufpe.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de pesquisa realizada no estágio pós doutoral da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, sob supervisão do Professor Dr. Sandro Cozza Sayão. Durante esse processo de estudos, a averiguação da questão estética que margeia a subjetividade humana como atividade do espírito e constante formação humana é foco de discussões, debates e realização de acurada investigação. Ao longo deste escrito, os primeiros resultados da pesquisa serão analisados e demonstrados.

A grande questão levantada diz respeito ao modo como existencialmente nos construímos, nos modelamos. Isto, com base no pensamento existencialista que defende, entre suas proposições, a tese central da noção de construção da individualidade subjetiva por meio de ações no campo da vida histórica e politicamente situada, que perfazem o indivíduo tal como ele se pensa e se quer, mesmo considerando os limites *a priori*, as condições objetivas da existência, ilustradas pela facticidade.

Se, para Sartre, dentro do espectro do existencialismo inicial era possível ao ser humano fazer-se, hoje, questionamos quais seriam as formas desse fazer. De que maneira encontraríamos validade para a grande aventura humana, que chamamos de ter-de-se-fazer ou de transcendência e, até que ponto cabe uma relação com a formação, com o fazer humano (poiésis), atividade do espírito que se guia numa busca profunda de si que deságua com necessidade no encontro com o outro, como vivência intersubjetiva.

Como busca curiosa de elementos que sustentem essa argumentação, encontramos na relação entre literatura e filosofia, caminhos para uma iluminação contemporânea do ser humano, que anda às voltas na tentativa de compreender-se a si mesmo, manifestando sua vida no mundo, dando conta das muitas questões que pesam sobre seu ombro, escravizando-o muitas vezes, em parte, por privá-lo do cultivo do seu próprio espírito. A nossa proposta é que, por meio de uma imersão no mundo da estética, que pode ser acessado através das artes, ele escape parcialmente disto.

Nesse sentido, dialogaremos a literatura com a filosofia, como formas talvez privilegiadas de dar conta de uma formação realmente humanizada do ente humano, visto que estas áreas do saber poderão ensinar a este ente experimentar-se na responsabilidade pela sua construção, contando com o aparato da ferramenta da sensibilização de seus sentidos e de sua racionalidade que, frente às novas demandas do mundo hodierno precisam ser respondidas de formas diferentes, articulando sentidos outros como chaves de desenvolvimento e aprimoramento da realidade que lhe circunscreve.

Nos tópicos que seguem traçamos uma delimitação temática na qual iniciamos com uma exploração da literatura como espécie de ateliê ou estúdio através do qual encontramos as ferramentas necessárias para uma formação estética, portanto, sensível, da nossa humanidade, sem cairmos no truísmo de acreditar que a literatura seja algo neutro e que só serve para o bem. Existem posições de sujeito e o próprio partido que toda literatura, assim como toda filosofia toma. Como exemplifica Sílvio Gallo “não faltam filosofias para dar sustentabilidade também às práticas sombrias” (Oliveira; Brito, 2024, p. 84), porém, nós nos apegamos aquelas que são a favor da vida e que promovem experiências de bem viver.

Em seguida, buscamos os “fundamentos” para uma ausência. Este conceito exemplificando as experiências da solidão, ou de derrelição humana, que significa que, em nosso processo íntimo de construção e transformação estamos sempre sozinhos, é coisa que se opera em nosso recôndito ao qual ninguém tem acesso completamente e só pode ser compartilhado dialogicamente por aproximação entre subjetividades que se comunicam. Essas experiências de ausência foram pontuadas como algo que atravessa os gênios, mas que é fenômeno humano, portanto, possível e passível de ser experimentado por qualquer pessoa humana. Neste tópico exploramos os vieses das funções catárticas e hedonísticas enquanto meios para um cultivo do espírito em nossa formação humana.

Por fim, elencamos modelos dessas experiências de indivíduos que constroem sua subjetividade, ancorando na experiência da literatura os relatos de memória ou literatura de testemunho, como é tecnicamente chamada, as narrativas do eu, ou dos muitos “eus” que existem e se configuram na realidade.

Com isso pretendemos dar uma contribuição ao longo e infinito debate sobre o fazer humano, a poiésis de uma construção que cultiva a espiritualidade na densa busca por nós mesmos e na tentativa de arranhar um pouco a nervura do grande mistério que somos a nós mesmos e a todo mundo.

1. A LITERATURA COMO ESTÚDIO/ATELIÊ DA EXISTÊNCIA HUMANA ESTÉTICA

“Havia um empenho em procurar a questão”.
Sam Shepard

A literatura é uma “fábrica” de sentimentos, sentidos e de fazer sentir. Seja de modo construtivo ou destrutivo, com a capacidade de estimular novos horizontes interpretativos da realidade ou de reforçar estigmas e preconceitos, tem ela o poder singular de influenciar pensamentos e, com isso, moldar escolhas e decisões que se façam tanto numa perspectiva individual como coletiva. Grosso modo, a mesma literatura que quebra com formas de pensar engessadas em velhos esquemas, também podem manipular, reforçar e mesmo reproduzir ideologias que não são mais bem-vindas numa sociedade que anseia por uma vida livre da indiferença e da própria violência de categorias que aviltam e tolhem a vida em todas as suas potencialidades. A depender da finalidade com a qual ela é escrita, visto que a literatura é um dispositivo de poder que disputa espaços nos mais diversos campos, ela é por si só uma potência criadora, seja de liberdade, seja da manutenção de prisões imaginárias e de velhos esquemas valorativos.

No entanto, pensar a literatura dentro de uma perspectiva transgressora e de abertura de novos horizontes interpretativos de realidade, cujo cerne gravita em torno da possível torção da obviedade que nos circunda, seja pela fantasia, pelo sonho, pela magia ou por outras formas literárias na qual se nutre a criatividade e a criticidade, certamente fará com que essa promova um sentido extraordinário de expansão extremamente positivo à humanidade.

Para além da obviedade das coisas comuns, do achatamento sufocante daquilo que somos ensinados a adequados a pensar, a literatura é capaz de promover a abertura de novos

horizontes interpretativos e, com isso, expandir a consciência para além dos limites que nos são impostos dentro de uma cultura totalizante. A partir disso ela se torna importante dispositivo de transformação do modo como nos posicionamos diante do mundo e da realidade, capaz de excitar os indivíduos a irem além daquilo que lhes foi imposto, seja por esquemas culturais que não mais se sustentam, sejam por antigos elementos ideológicos carregados da negação da vida e de seus muitos processos.

Considerando agora nossa própria individualidade e seu trânsito no mundo, se a literatura tem, a partir dessa dinâmica de criticidade e criatividade, certa força de afetação da cultura e dos elementos presentes em nossa sociedade, ver-se-á que ela pode ainda ser radicalmente importante naquilo que se pode chamar de porta de entrada para o “eu profundo”, isto é, uma metáfora para nomear, acessar e falarmos a respeito do sujeito detentor de um autoconhecimento mais refinado e que pode ser promovido pela experiência com a literatura. Outra forma de entender o eu profundo é tomando-o como a subjetividade existencial comprometida com o ato de existir por meio da estética literária e até filosófica, e de muitos elementos que não se mostram de modo imediato. Isto é, através da narrativa carregada de elementos sutis em que a verdade ou sua mostração, não é ponto essencial, ela consegue acesso ao mais autêntico de nós mesmos, naquilo que se pode chamar de afetar do bloco de sensações em que estamos situados. Essas sensações, uma vez acessadas, acabam por expor elementos internos que habitualmente permaneceriam silenciados, fazendo com que pensemos sobre nós mesmos e mais do que isso, que possamos deixá-los fluir em nós por meio da história lida, compreendendo um pouco mais de nós mesmos. Quer dizer, a literatura aqui, seria como um canal de acesso ao que normalmente permanece camuflado e, nesse caso, possível pelo mecanismo de identificação com os personagens ampliados na técnica da escrita artística literária, algo que possa ser processado, nos ajudando não só a nos entendermos, mas também a podermos experimentar algo de nós mesmos fora das circunstâncias que normalmente viriam à tona e por meio das quais seríamos tomados. É como se pela literatura pudéssemos mergulhar em sensações de um modo mais intenso e, com isso, percebermos uma força revolucionária transformadora. Isto possibilitado pelos signos deixados em nós através de nossa própria experiência de leitura, das coisas que ela pode causar em nós.

Inevitavelmente a literatura se fará presente no mundo da vida, seja pela poesia que se escutou, um versículo bíblico sobre o qual se meditou, a presença indireta dos textos interpretados e contidos nas outras artes, como o cinema, o teatro, os quadrinhos etc., que são variantes da escrita e que estão profundamente presentes na vida dos leitores/as. Sobre essa noção da literatura como fábrica de estesia, isto é, que é a capacidade de perceber o sentimento da beleza, o escritor Valter Hugo Mãe nos dá testemunho ao dizer que o livro deve ser utilizado como “máquina de fazer sentir” (Mãe, 2015, p. 94). Sentir, fazer sentir e explorar o reino das emoções e da sensibilidade, nada mais importante num mundo acostumado ao achatamento das coisas fugazes à frieza dos desejos alimentados pelo consumismo.

Se nos mantivermos pobres daquilo que realmente nos movimenta, dias pobres de sensações e do distanciamento reflexivo, poderão nos induzir a uma dada miséria da condição humana. Daí que tudo que promova o passeio por sensações de natureza mais substancial tenham grande força e impacto. Daí a força de Valter Hugo Mãe ao dizer que:

Gostei de colocar a hipótese de os livros serem como bichos. Isso faz deles o que sempre suspeitei: os livros são objectos cardíacos. Pulsam, mudam, têm intenções, prestam atenção. Lidos profundamente, eles estão incrivelmente vivos. Escolhem leitores e entregam mais a uns do que a outros. Têm uma preferência. São inteligentes e reconhecem a inteligência (Idem, p. 94).

De modo similar o ganhador do prêmio Nobel de literatura em 2017, Kazuo Ishiguro declarou que:

Histórias podem entreter, às vezes podem ensinar ou defender um argumento. Mas, para mim, o essencial é que comuniquem sentimentos. Que apelem ao que compartilhamos como seres humanos, atravessando divisões e fronteiras. Existem indústrias grandes e glamorosas ao redor de narrativas; a indústria do livro, a indústria do cinema, a indústria da televisão, a indústria do teatro. Mas, ao final, as narrativas são sobre pessoas dizendo para a outra: é assim que eu sinto. Você entende o que estou dizendo? Também se sente assim? (Ishiguro, 2017, p. 49).

Esse estado de abertura à arte, neste caso, à arte literária, é algo que está atrelado à condição humana e dotado de um sentido de finalidade “englobante”, abrangente ou “abraçante”³, como se fosse um amplexo que tudo envolve no ato de nos envolvermos com a leitura. Esse estado de abertura reflexiva para a atividade com a literatura, é o mesmo percebido e recomendado pelo trabalho metodológico da filosofia, enquanto pensamento transgressor e aprofundador das questões que nos envolvem.

O eu mais profundo, ou a subjetividade existencial, tomados como registro estético e estético, isto é, uma espécie de território humano onde a produção e expressão de sentimentos acontece, precisa de um campo onde se instale e de onde receba a seiva que lhe transportará para uma nova vida, de fruição e abandono de si no que a literatura, como atividade do espírito tem a oferecer. Este “eu” repousa seu não-ser sobre um fundo temporal de ser, à maneira do registro trazido por Jean-Paul Sartre em *O Ser e o Nada* (1997). Esse tempo não é acessível pelo arbítrio da memória, mas pelas fibras existenciais do sentir que se expressam na carne, na marca do que carregamos, quer enquanto feridas, quer enquanto afeto puro e genuíno. É esse fundo de ser que nos torna humanos, e a dor humana é como um timbre agudo que faz soar nossa fragilidade para um pedido de cuidado e atenção, enquanto que numa tonalidade afetiva mais extrusiva nos ocupamos da vida em suas solicitações repetitivas, cotidianas e insignificantes – no sentido de não terem significação, isto é, serem absurdas – e nos esquecemos de nós, do quanto podemos ser melhorados com nossa própria experiência com a arte, por exemplo. Por isso, o nosso lado dolorido quando tensionado, revoluciona tudo dentro de nós e só temos a nós mesmos para poder contar e avançar. Aqui já temos um sinal do que vem a ser a subjetividade existencial. Descobrimo-nos também através de uma espécie de mapa conceitual de nós cujas cifras e pistas nos são dadas pela análise crítica de nós, do mundo e do outro, e estas nos são fornecidas pela capacidade de ler o mundo da vida através dos livros, ainda que não somente deles.

³ Estes termos foram cunhados pelo filósofo alemão Karl Jaspers. Sobre isso consulte-se JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. Trad. Leonidas hegenberg e octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2011, p. 42.

Sem querer misturar as escolas filosóficas, caberia bem aqui a argumentação de Wittgenstein que disse que os limites da nossa linguagem denotam os limites do nosso mundo. Funciona exatamente assim, os limites da minha leitura, da minha interpretação da vida e de quem sou eu nessa vida enquanto vivo, denotam, demonstram, dão testemunho dos limites do meu mundo, logo, dos limites desse eu profundo.

O artista, o criador, o gênio, são atormentados pelo sofrimento humano. Eles carregam a genialidade e a beleza dentro do peito, no corpo, nas vísceras em forma de sofrimento em comum com a humanidade. Essas questões que se misturam no ser humano, trazem a marca e a distinção que um artista tem, que um criador tem; alguém que se alimenta da estética tem. Aquele que sente a ferida viva do seu coração aberta a sangrar tem, para só assim poder irrigar as fontes criadoras que fazem a arte tocar o chão e se irmanar conosco, tornar-se humana entre seres humanos. É alguém de profundo sentir e, portanto, capaz de maiores sofrimentos.

Que aspecto aparentemente sublime é esse? Na verdade, essa experiência é a que podemos chamar de estética da existência numa perspectiva existencialista, para que não se confunda com o conceito tratado por Foucault e tem similitudes com o que aqui estamos a defender. Existir no refinamento de ter de se fazer como um artista que compõe sua vida como sendo uma obra-prima, como exemplifica Sartre na conferência o existencialismo é um humanismo (Sartre, 1987, p. 9).

Falou-se acerca do sofrimento, mas, outra questão precisa ser levantada: a da angústia humana. Em uma distinção, o sofrimento tem um objeto claro e exterior; a angústia, não. Ela é essa espécie de insatisfação sufocante, uma sensação inóspita que parece funcionar como uma antessala da esperança. Ou seja, só quando ultrapassamos essa soleira através do sofrer e do angustiar-se, no encontro com nosso recôndito mais íntimo é que entramos em contato com o nosso eu mais profundo e, permanecemos cegos, surdos e emudecidos diante do que se vislumbra perante nós, para só depois enxergarmos, falarmos e ouvirmos de um modo melhor, pois, “o não dito é mais alto do que um grito” (Shepard, 2017, p. 141) e, no limiar disso, trazermos notícias de algo mais abrangente, profundo e elaborado. É o acesso a esse reino que a literatura nos proporciona por meio do processo de identificação – com o que ela expõe no

contexto do enredo e dos personagens – que nos causa A catarse que nos purifica. E a filosofia pode desdobrar tais acontecimentos estéticos por meio de uma análise lúcida e profunda.

Existem, na concepção estética da literatura, dois tipos de fome: ambas doem; porém uma delas se sacia mais facilmente, por ser natural e biológica, a fome comum da “carne”. Já a outra, que é uma cifra do nosso ser sensível, não é tão simples assim de ser nutrida: é espiritual, diz respeito ao cultivo do nosso espírito. Mas, há uma via de acesso para saciá-la: a tarefa da genialidade – leitura, produção de literaturas, cultivo da espiritualidade por meio de profunda imersão na cultura. Por meio desse cultivo do espírito damos conta do chamado a sermos verdadeiros entes humanizados no qual se realiza o melhor de nós que servirá de luz para a humanidade e pode nos tirar da orfandade congênita que nos fere ao descermos para este vale de lágrimas e de delícias ao dispor das gentes.

Das genialidades expressas no mundo, a arte é a mais humana, pois, só ela mostra o que há de mais genuíno e falso, de mais verdadeiro e mentiroso, de mais feio e belo, de ambíguo em nós. E é nessa profusão de sentimentos e sentidos, que experimentamos o mais autêntico de nós mesmos e aquilo que nos distancia das coisas e da letargia estática do que não é vida.

2. A MANIFESTAÇÃO DA AUSÊNCIA EM UMA INTERPRETAÇÃO DA LITERATURA E DA FILOSOFIA ATRAVÉS DA ANÁLISE DA CATARSE E DO HEDONISMO COMO FUNÇÕES ESTÉTICAS

A artista plástica e escultora Camille Claudel, uma semana antes de perder a saúde mental, escrevera a seu amante: “existe sempre uma coisa ausente que me atormenta”. Esse estado asfixiante da ausência que, em primeira instância, só pode ser ausência do si mesmo, é o passo inicial e a disposição adequada para experimentar dos deliciosos frutos – amargos no início, mas agradáveis e doces ao final – do processo de sermos quem somos, na originalidade e integralidade de nossa existência. O ausente-presente, contido na exclamação de Claudel é uma das formas de habitar uma identidade fragmentária e frágil, mas, por isso mesmo, atenta e aberta à possibilidade de uma tessitura tal, que não é dada a nenhuma outra criatura no universo, a não ser ao ser humano.

É claro que Claudel referia essa ausência à presença torturante do seu amado Rodin que sempre lhe fora negligente nos afetos e, nesse jogo de perder-se, era a si mesma que ela não encontrava. Os seus sentimentos em conflito não foram suficientes para lhe fazer ver que a ausência do que lhe faltava era a sua própria presença, seu eu profundo. Tal angústia se transformou em loucura, como pode acontecer com qualquer um de nós⁴.

Por alguma razão, nossas crises nos sentimentos são as que mais nos atormentam. Embora exista tanta tecnologia e avanço nas questões humanas e até na cultura em geral, não somos bons em lidar com nossos próprios sentimentos. Algo de nós mesmos se preserva e se ausenta quando a ele direcionamos nosso olhar. Nessa mesma ausência, uma espécie de incógnita se mantém viva, afastando de nós a ciência do que realmente nos aflige, das causas daquilo que nos inquieta e atormenta por vezes, ou mesmo daquilo que de nós rouba-nos o gosto pela vida.

Dessa ausência, surge o edifício das palavras: a necessidade constante de falarmos de nós mesmos, seja de modo direto, como fazem os cientistas da alma e também os cientistas das coisas, seja na forma indireta, mas talvez mais astuta que a segunda, que através do agir literário tenta tatear aquilo que parece de nós sempre se dissimular. A literatura ou uma dada filosofia literária, como refino astuto do pensamento, leva-nos a um desdobrar estético de nosso íntimo, traduzindo nossas instâncias mais sutis em verdadeiros blocos de sentimentos elencados em histórias cujas tramas revelam de modo enviesado aquilo que diretamente nos escapa e que, no fundo, conforma nosso modo de ser e de sentir. A escritura literária, cuja potência habita tanto as coisas mais singelas, como as tramas de mais alto relevo, faz saber de nossos mais secretos sentimentos, talvez até aqueles que mais nos espezinham e adoecem e que, seja lá por qual razão for, são sempre preteridos como “entes” ou forças de segunda ou terceira categoria, coisas sem importância que não merecem nossa atenção e cuidado.

⁴ A literatura nos apresenta inúmeros personagens que padeceram do mesmo mal. Lembremos, a contento, de Madame Bovary e de Luísa do Primo Basílio, como duas referências deste tipo de ocorrência. Embora saibamos de alguns aspectos machistas que retratavam a mulher que ouvia a voz do próprio desejo como aquela que malograva, não se interpreta esta obra aqui por este viés de poder, mas, por aquilo que tal romance tem de construção de doença mental através de uma neurose não tratada.

Jorge Ángel Livraga escreveu que “a técnica levou-nos até à lua. Cabe agora à filosofia nos levar até nós mesmos” (2021). A isso é possível acrescentar que para tal processo há um outro papel fundamental – o da literatura –, que nos permite acessar, além de nós mesmos, o Outro, depois de nos ensinar o encontro com nossa ipseidade. Literatura e filosofia ocupando-nos com o autoconhecimento e com a alteridade, em uma via de mão dupla, de um mesmo fio de nutrição com finalidade estética é a trama que aqui envolve a produção desse texto.

Até que ponto cabe à filosofia este mesmo papel ou essa mesma função estética de amparar-nos e nos movimentar nessa busca tão densa de nós mesmos, através do Outro e do nosso próprio nevoeiro⁵, não bastando tão somente especular, mas, saber: o que isso tem a ver com minha vida? O que isso tem a ver com os acontecimentos aos quais pertencço? O que a verdade tem a ver com a minha tessitura nesse mundo, ao mesmo tempo, meu desconhecido e pelo qual sou responsável? De que maneira isso implica minha vida em um processo de transformação?

A arte chama a atenção para esse lugar dos sentimentos e sentidos como a forma mais genuína de educar os nossos afetos e nos sensibilizar, sem nos manter somente no lado prático da vida. Basta perceber que antes dos primeiros filósofos já tínhamos os poetas, as grandes epopeias, as tragédias⁶, etc. Depois coube à filosofia esse papel formador de encontrar um bom termo para as nossas vivências práticas, enquanto comportamento político e social, engajado na Pólis. Ademais, basta ler Platão ou Aristóteles, ou mesmo Sêneca e Plotino para se constatar a veracidade deste testemunho: a filosofia era uma forma de viver bem (Hadot, 2011, p. 89-117), em harmonia com o Estado, com as próprias paixões e as virtudes que compunham o humano em si. Mas, e o indivíduo? Antígona é a expressão clássica mais pungente de um ser autêntico que se rebela contra a subsunção da individualidade num sistema massificado de

⁵ A filosofia contemporânea nos apresenta as mais variadas concepções de alteridade, as mais conhecidas são as presentes no pensamento de Emmanuel Lévinas, Paul Ricoeur, mas também estão presentes com alguma força em Sartre, no texto intitulado Verdade e existência, entre outros filósofos, como Martin Buber, por exemplo.

⁶ E no universo da cultura grega, no qual estes filósofos estavam imersos, as tragédias eram ensinadas e cantadas para que se alcançasse por intermédio do que era apresentado, a vivência da catarse, isto é, a purificação do comportamento e a aprendizagem de lições morais que elas ensinavam.

comportamento. É a arte literária dando conta de um esforço estético existencial como referência para o comportamento transformador e catártico experienciado singularmente.

De outra feita, o papel da arte, durante séculos, ficou encoberto por aquilo que dela faziam os artistas e os críticos especializados, em um processo que acabou por distanciar a grande maioria das pessoas de uma fruição livre e aberta do experimento estético e estésico. A arte, grosso modo, era coisa de pessoas da área. Em contraponto, no século XX, as artes ganham novo *status*, e a relação entre espectador e a obra realizada, a interpretação das mesmas, o jogo envolvido no afetar-se, mais do que no interpretar próprio da crítica especializada, transição iniciada com o movimento dadaísta através da obra *A fonte* de Marcel Duchamp, trouxeram o indivíduo para o centro do jogo de produzir os próprios sentimentos porque foi reconhecido que ele era capaz de produzir sua própria interpretação e leitura das artes, da vida, do mundo. Agora, a arte tornou-se algo para todos; perdeu-se de seu aspecto bizantino para tornar-se algo mais democratizado, aberta às mais variadas formas de interpretação.

Para pensar essas relações e transformações discute-se as duas funções específicas da literatura que deverão ser explicitadas aqui: a função catártica e a hedonística, dois momentos indispensáveis da condição de imersão na leitura para se pensar a condição de uma estética da existência. A primeira, sendo potência transformadora e purificadora dos sentimentos, sentidos e representações sob as quais a condição humana transita; e a segunda sendo a dimensão frutiva, de prazer e maravilhamento do experimento estético⁷ pelo qual distendemos nossas percepções e mesmo nossa própria condição no ato de existir. Prazer e catarse misturados afetam nitidamente as muitas proteções ao ego e as inúmeras instâncias de sentidos que nos aprisionam e aviltam. E não precisamos aqui adentrar em Freud e todas as suas pesquisas no campo da psique humana, para compreender que somos soterrados por restos de cultura e de tempos passados que impedem que nossa consciência se expanda, restando presa das muitas camadas retidas em uma instância desconhecida, mas cujo poder podemos evidenciar no comportamento humano através das neuroses e psicoses. De tal forma a arte torna-se o

⁷ A este respeito conferir Ernst Fischer, quando escreve no livro *A necessidade da Arte* que em primeiro lugar a arte é fruição, primeiro passo do indivíduo rumo à plenitude, e depois, purificação, catarse (Fischer, 1979, P. 12-14).

momento de respiro ao sufocamento vivido e ao momento em que conduzidos pelo prazer e por uma espécie de destrinchamento de nossas “vísceras” psíquicas, que nos atrevemos a novas experiências tanto significativas como sensitivas da nossa verdade existencial.

No desenrolar do processo de desvelamento do humano, sabe-se que os seus sentimentos e as suas ações continuaram – e talvez ainda continuem – altamente racionalizadas, apresentadas em categorias que as distanciam de uma práxis do seu estado mais natural de acontecimentos: o sentimento. Existir é sentir. Entretanto, racionalizou-se tanto o ser humano em cada época que ele se transformou em uma ideia de essência, na antiguidade clássica, na imagem e semelhança de uma potência estrangeira, no humanismo cristão do medievo, numa substância cartesiana, em seguida transcendental, na modernidade, para cair no esvaziamento da compreensão positivista a seu respeito, atravessando noções estruturais na contemporaneidade. Não que isto seja negativo, foram cifras que nos ajudam na compreensão do processo de evolução de ser tão complexo até hoje.

O humano também passa a ser visto como um mecanismo que responde tão somente a estímulos e, mesmo o romantismo, como um dos movimentos, que faz frente a este tipo de postura mecânica sobre nossa condição, não realizou muito, pois, ao mesmo tempo, favoreceu uma noção histórica e irritante de um indivíduo que, no dizer de Lacoste, apresenta um tipo de sujeito cuja “necessidade de eternidade pode provir da vontade tirânica daquele que sofre e que quer que o seu sofrimento seja a lei eterna” e que deseja se vingar de todas as coisas e de todo mundo “impondo-lhes a imagem de sua tortura” (Lacoste, 2011, p. 90). É essa a infantilidade do romantismo: o seu pessimismo arraigado nas consciências individuais. Assim foi: fazer merecer e apoiar apenas os frutos científicos e racionalistas do pensamento e da ciência, enquanto, os sentidos e os sentimentos foram sendo cada vez mais emasculados, preteridos, rechaçados, levando-nos à doença do contemporâneo que consiste em não saber quem somos, ou de termos medo daquilo que se oculta em nós⁸.

Foi quando surgiu na pauta filosófica os afetos, os sentimentos, o desespero humano, a angústia e a luta subjetiva do indivíduo, que pareceu que nos encaminhávamos para algo

⁸ O que se evidencia é, novamente, o controle da razão sobre o corpo e suas funções como um todo, tal como pretendia Kant⁸ e sua tradição iluminista.

realmente novo e transformador: uma ambiguidade do existente se colocava de modo a confluir todas as possibilidades do humano ser. Dos fundadores do romantismo, entre eles Schlegel, Novalis, Schleiermacher, o poeta Hölderlin, Goethe e Schiller, românticos ainda muito abstratos, passando em seguida por Schopenhauer, Kierkegaard até chegar em Nietzsche, sendo estes mais existenciais, porém não menos românticos, como aponta Lacoste⁹, houve um avanço considerável nessas temáticas. Registre-se, a contento, que foi a psicanálise, a partir de Freud e o debate trazido por este, que expandiu compreensões acerca do papel relacional dos afetos e suas pulsões, ao apresentar a crítica do inconsciente sobre o consciente racional por meio das pulsões¹⁰. Ainda assim, a grande tradição da filosofia, por exemplo, continuava a preterir os sentimentos, os sentidos e o seu sentir, embora um rasgo epistêmico a respeito dessas compreensões não pudesse mais ser negado daí em diante.

Mesmo quando as tragédias e sua belíssima tradição de produzir a catarse coletiva por meio das encenações públicas que eram realizadas na antiguidade, o cuidado amiúde com os sentimentos era uma particularidade e não a tônica de uma “educação” estética do ser humano. Desse modo, enquanto sociedade, evoluímos nos escondendo, sem perceber que, quando não se manifesta o que existe “dentro” da gente, exatamente isso que se esconde é o que nos matará, pois nos sufoca. Por essa razão, discute-se aqui de que maneira a arte da literatura e o aprofundamento filosófico desses estados explodem esses miasmas internos e purifica tudo o que precisa ser, diga-se de certo modo, curado.

Como há de ser explorado neste artigo, a ausência é a porta de entrada para o acesso ao eu profundo e essa viagem, como há de ser defendido aqui, pode ser orientada na relação entre a Filosofia e a Literatura, no tocante ao que ambas têm de estético. No entanto, façamos uma breve análise sobre duas funções da literatura que são fundamentais nesse processo de feitura do ente humanizado através do cultivo do espírito.

⁹ “É o pessimismo romântico, moderno, da filosofia de Schopenhauer, da música de Wagner, da poesia de Baudelaire” (Lacoste, 2011, p. 90).

¹⁰ A este respeito confira-se o texto *O mal estar na cultura de Freud*, no qual ele aborda e mostra o complexo de Édipo como estruturante da cultura e das sociedades ao apresentar a relação entre totem e tabu (Cf. obra de mesmo nome), as pulsões de vida e morte que compõe a complexidade da totalidade na qual estamos imersos.

2.1 As funções hedonísticas e catárticas da relação entre filosofia e literatura: a possibilidade de uma fusão

Catarse é um processo real e não imaginário. É produto bruto, resultado de nossa entrega, diga-se, de nossa relação de entrega a um certo tipo de arte. Contudo, Jean Lacoste argumenta que o filósofo Nietzsche aborda a catarse como um engodo, pois, “ninguém se desembaraça assim dessas paixões” (2011, p. 90) que a catarse pretende purificar. Está certo, no sentido de que a maior parte das nossas questões são resolvidas terapêuticamente, na prática das vivências particulares e com a alteridade, entre esses e outros embates. Questão que surge com certa força é então saber de que maneira a catarse continuaria válida ou poderia ser válida como experiência existencial que performa o eu profundo?

A literatura, por meio de um efeito chamado de ressaca literária – que é quando não conseguimos experimentar uma leitura nova, exatamente por causa dos efeitos deixados pela última leitura – resguardaria esse efeito catártico, purificador de nossos sentimentos. Alguma coisa está se distendendo em nós enquanto uma memória está suspensa e nosso eu profundo sendo transformado. A purificação das paixões continua a acontecer, porém, de modo discreto, lento e gradual. Não existe a possibilidade de não se ser transformado pela literatura cedo ou tarde, desde que ela obedeça aos critérios estéticos de ser boa arte. Esse adiamento ou essa impossibilidade de participar da fruição do gosto e do sabor que um livro tem, são, ao mesmo tempo, as peças de nossa engrenagem subjetiva sendo realocadas e nosso horizonte de sentidos sendo ampliado.

Isto não é só um acontecimento de ordem psicológica, é também estético, produzido no melhor e mais refinado elemento que o ser humano produz: a relação com os bens espirituais e culturais. E o que é a literatura? É a nossa vida – não vivida literalmente, mas metaforicamente – ampliada pela fantasia; é a nossa possibilidade última de sermos – no melhor sentido de nós – destinados a uma participação no ser, no desconhecido, e em nosso si mesmo. Esta ampliação de nós, a dor sentida no processo de entrega a um livro, o atravessamento de nossa consciência através de um texto narrativo ou poético é a função catártica da literatura.

Tal função é devastadora. Ela funciona como um espelho que traz verdades intragáveis, ambivalentes, porém, necessárias; portanto, discordando de Nietzsche e, ao mesmo tempo, concordando com ele, e sem, no entanto, aderir completamente à ilusão aristotélica da purificação de nossas misérias pela catarse, ela é sim purificadora, mas tão somente enquanto experiência individual e estritamente subjetiva, mas que por si só não dá conta da existência em sua complexidade, mas favorece a sabedoria para tratar das questões existenciais que nos concernem e acometem.

Entretanto, é exatamente aqui que Nietzsche se revela um defensor da catarse e nisso se concorda com ele, pois, a emoção causada por uma tragédia – e aqui considera-se que, historicamente a catarse é entendida como algo trágico porque dolorido, isto é, que contém aprendizagens surgidas de grandes sofrimentos – “é tonificante”, causadora de energias novas no sujeito que as sente e vive.

Quanto a função hedonística sabe-se que “o julgamento estético baseia-se num prazer”, pois, a arte é um estímulo salutar à vida e à intuição da mesma. Isto está presente na estética de Kant, Hegel, Schopenhauer, mas, fora formulado na poética clássica de Aristóteles. Esta função confunde-se facilmente com o estado de embriaguez que a arte nos causa e, também com a ilusão de um prazer quase físico, um estado de contentamento que a literatura deva produzir para seduzir leitores. Essa ideia de um prazer de fruição é perigosa, pois, o prazer estético vem do caráter contestador que um texto tem ao devassar nossa alma e nos propor novos horizontes de sentido. A pura e simples leitura pelo prazer físico e mental que pode surgir é puro engodo, na realidade produz outro efeito que não o encantamento, que não a busca de uma proposta de revolução íntima, muito embora as cifras dessa beleza estética estejam contidas nesse universo.

Esse caráter de quase-encantamento que a leitura produz assemelha-se ao devaneio. Sobre essa questão Bachelard disserta que a embriaguez, é um estado estético que se caracteriza numa forma que acessa em primeiro lugar o devaneio, depois sua concretização no mundo, pois, “diante das imagens que os poetas nos oferecem, diante das imagens que nós mesmos nunca poderíamos imaginar, essa ingenuidade de maravilhamento é inteiramente natural (Bachelard, 2012, p. 4). Aproxima-se disso a questão do sublime. Este conceito encerra

para nós aquilo que nos corta a voz, o que nos violenta, nos cala e emudece. O prazer, o hédon, virá disso, desse devassamento de nossas almas. O hedonístico aqui experimentado não é prazer vulgar que nos mobiliza a realizar uma tarefa por causa das vantagens que obteremos. É mais sobre o prazer de nos vermos descobertos encarando nossa própria verdade, encantados e maravilhados com isso a que se refere essa função hedonística. Isto é, tal função prazerosa produz em nós algo de diferente, por ele mesmo. É nesse estado que a arte literária nos diz mais do que dizemos dela. O sublime revela mais do ser humano a eles mesmos do que sobre algo de exterior e objetivo ou totalmente extrínseco. A arte que precisa se explicar para realizar um processo de estesia em sua função catártica e/ou hedonística, é uma arte minimamente ruim, e fora do halo do sublime.

3. A SUBJETIVIDADE EXISTENCIAL E O EU NARRADO

“Que entorpecente é esse livrinho; absorvê-lo é presumir o processo do autor. Eu leio e sinto a mesma compulsão; o desejo de possuir o que ele escreveu, o que só pode ser conquistado escrevendo-o eu mesma”.

Patti Smith

A vida é narrativa. É um acontecimento que pode ser relatado. Viver é narrar-se, é ir contando uma história que, não necessariamente será escrita, embora toda vida seja narrativa literária, pelo fato de poder ser contada, de poder contar-se. Inúmeros exemplos disso são encontrados na literatura: os chamados relatos de memória, os diários, os romances inspirados em vidas reais, as biografias. Todos eles gêneros literários que têm como fio da narrativa a vida de um sujeito em particular e desse sujeito como vida do texto.

Dentre esses empreendimentos literários de grande valor estético estão o conjunto de memórias de Simone de Beauvoir e, mais recentemente, as memórias de Patti Smith. Também merece destaque a obra de memórias romanceadas de Karl Öve Knausgard. No Brasil, João Silvério Trevisan tem construído uma narrativa imponente com essa mesma técnica de relato

de memórias. Da trilogia prometida, foram publicados até agora o primeiro volume intitulado de *Pai, Pai* (2017) e o segundo, *Meu irmão, eu mesmo* (2023).

Quanto a Beauvoir que transformou a fenomenologia de sua própria vida em narrativa literária e a apresentou através de, pelo menos, seis grandes obras que merecem destaque, sendo elas: *Memórias de uma Moça Bem Comportada* (1958), na qual narra o convívio e a vida em família, a formação escolar, o quadrante limitado da formação da mulher, a sua vida acadêmica, a morte de sua melhor amiga, as rupturas, as disrupções formativas, a universidade, o início da vida de intenso trabalho intelectual, além do início de sua amizade com Merleau-Ponty e em seguida com Sartre; *A força da Idade* (1960), na qual, por influência de amigos e das críticas elogiosas, continua narrando os aspectos de sua vida, sua formação, o impacto das leituras, da literatura em sua vida, o desejo de ser conhecida como alguém que produziu escritas e livros no mundo, a irrupção da guerra, o começo de sua transformação com base nos fatos da história e o que ela chamará de seu nascimento para a política e o engajamento como acontecimentos importantes; *A Força das Coisas* (1963), continuação das narrativas, porém com um olhar profundamente transformado e matizado pelos acontecimentos históricos, relato mais politizado pelos acontecimentos vividos e aos quais sobreviveu durante a segunda guerra mundial; *Uma Morte Muito Suave* (1964) que é o relato de memórias sobre a doença e morte de sua mãe; *Balanço Final* (1972), já intelectualmente reconhecida por sua obra literária e filosófica, resolveu fazer um acerto de contas com o próprio passado à luz de tudo que escreveu e viveu. Sentia-se velha e achava que poderia morrer a qualquer momento, por isso o tom de prestação de contas desse relato; Por fim, publicou *A Cerimônia do Adeus* (1981), em que narra o impacto da morte de Jean-Paul Sartre sobre seus dias e sua vida, que perde parte importante do seu sentido.

Observe-se o quanto, no caso da escritora Beauvoir, a memória serve de resgate à narrativa, e como, apesar do tom descritivo, quase cru, tudo o que se encontra é a verdade que será entregue como aporte narrativo, contendo, portanto, os riscos da transmutação de alguns fatos sob a égide do humor, da forma como se sentiu e foracluiu os acontecimentos da vida, a forma como sua relação com o mundo da vida a impactou, penetrou, torturou, salvou, perdeu,

redimiui, condenou, serviu de julgamento a uma vida. Esse esforço subjetivo de narraçãoo é o que podemos chamar de aventura estéticada existênciada contar-se.

Patti Smith, a princípio, ficou conhecida mundialmente como uma das fundadoras do movimento Punk na música e na poesia nos Estados Unidos ao lançar o disco *Horse*. Além de cantora é compositora, poeta, fotógrafa e escritora. Sua obra de narrativa consiste de quatro grandes obras, sendo duas delas mais conhecidas e aclamadas pela crítica. Seu primeiro livro publicado é chamado de *Só Garotos* (2010). Relato emocionante de sua relação com o também fotógrafo Robert Mapplethorpe, homossexual, sua saída da casa dos pais, como se tornou compositora, cantora, enfim, como se fez e se construiu esteticamente, como erigiu sua vida na beleza, sua relação com a fome, as dificuldades e com as belezas do mundo das artes. Em seguida publica um livro contendo uma simbiose de sua vida através das memórias dos livros que leu e mais lhe impactaram, chamado de *Linha M* (2015). Quase simultaneamente escreve *Devoção* (2018), que parece uma continuação de *Linha M*, e que contém um ensaio literário e um conto, além de continuar como um forte relato de memória, através da lembrança de romances e literaturas experimentados em leitura. Por fim, escreve *O Ano do Macaco* (2019), onde conjuga sua leitura de mundo dos últimos acontecimentos políticos que tomaram conta do mundo sob a forma da ascensão do fascismo com a sua vida e a forma como ela enxergava a gravidade da situação e o desenho que isto trazia para seus dias.

Já o escritor norueguês Karl Öve Knausgård foi ousado na forma de transformar sua própria subjetividade num personagem onde, misturando fatos reais, acontecimentos de sua memória biográfica a elementos e fatos fictícios, personagens construídos e outros reais constrói uma das mais imponentes obras sobre como uma pessoa pode ser o próprio objeto de arte, pode fazer estética de si mesmo. Foram publicadas numa sequência de seis livros, que compõe a série intitulada de *Minha Luta*. São eles: *A Morte do Pai – Minha Luta 1* (2009); *Um Outro Amor – Minha Luta 2* (2009); *A Ilha da Infância – Minha Luta 3* (2009); *Uma Temporada no Escuro – Minha Luta 4* (2010); *A Descoberta da Escrita – Minha Luta 5* (2010) e *O Fim – Minha Luta 6* (2011). Considerada uma série brilhante, tem seus momentos de enlevo, elevação, embora o último tomo tenha pecado pelo excesso de detalhes, torando a narrativa um tanto irritante e cansativa.

João Silvério Trevisan mergulha profundamente em suas memórias, submerge como ninguém e ao imergir traz consigo um quadrante de dores que compartilha com seus leitores. Por que alguém leria algo tão doloroso? E a resposta é que lemos porque a dor é comum a nós, que ela nos torna iguais. Lemos pelo desejo de nos conhecermos pelo olhar do outro, de transcender e ultrapassar, de nos reunir, de amainar nossa solidão profunda. O relato em tom lírico, dolorosamente poético, com intencionalidades de fundo psicanalítico, ajuda-nos a compreender nossa própria neurose num processo de catarse. A escrita de Trevisan contém um aviso assombroso: todos nós prestaremos contas a nós mesmos algum dia, mas, e será que estaremos preparados para tal evento? Neste autor o acerto de contas entre ele e seu passado, os personagens que sua história contém, fazem de sua narrativa expressão atiladamente aguda, questionadora e transformadora. O complexo de Édipo é exposto, nós somos expostos também no que queremos ocultar por culpa ou vergonha. Nesse encarar-se e escarar-se o autor nos deixa a lição de grandeza e redenção, de que de tudo que se perdeu, resta-nos esperanças ainda maiores e que um dia compreenderemos tudo, sobre nós, sobre nossa luta em existir e continuar existindo.

Tomar essas quatro figuras através do gênero literário da narrativa de memórias que, nem são um diário, nem uma autobiografia, mas o fio narrativo condutor da vida sob o viés do impacto estético que os acontecimentos causam a uma mente que toma-se por objeto da narração é de uma sutileza e refinamentos que, fatos mais concretos e a forma como é escrita nos outros gêneros citados, não dão conta. Tomamos essas autoras e esses autores para demonstrar a ideia defendida neste artigo de que uma estética da existência é possível, que ela traz implicações existenciais importante à nossa forma de enxergar o mundo e de construirmos nossa própria vida, quer seja nos aspectos pessoais, quanto nos aspectos coletivos, na solidão ou no engajamento. A ideia de que vidas importam perpassam esse eixo de um sentido que pode ser configurado e atribuído quando engajado no mundo, posto às vistas de todas as pessoas. Relatar-se a si mesmo é construir sentidos de existências e abrir portas e fendas para que outras existências encontrem sentidos e construam sua própria estética de existir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre nossa condição de ser, quem fala? A filosofia, a literatura, enquanto campos do saber cujo fascínio e obsessão em descrever as estruturas do ser humano são suas bases prementes e essenciais. Uma filosofia que não divague sobre o humano perdeu sua razão de ser. A literatura que não explora essa criatura tão fascinante e complexa perde a validade. Em tudo que se diga e se escreva, em qualquer gênero de escrita que seja, é sobre a condição humana que se está falando, pois, ela é a realidade através da qual toda realidade circunscreve-se no mundo. Não há outro dilema humano senão nós mesmos, mesmo quando se está fazendo ciência, o que se lida são com produções e projeções humanas, interpretações, narrativas e discursos, nada mais do que isso. Não há nada inventado, significado ou ressignificado que assim não ocorra sem o patrocínio da intervenção humana.

Por isso é tão difícil falar sobre o nada. Mas sobre o vazio é fácil de dizer alguma coisa. No entanto, vazio e nada não são a mesma coisa. Nas cercanias da fenomenologia existencial a subjetividade humana é compreendida como sendo o nada. Este nada pode ser explicado sucintamente da seguinte maneira: o nada é a transcendência humana, sua liberdade, isto é, a sua capacidade de fazer-se, construir-se e, ainda assim, permanecer aberto e em construção. Toda e qualquer estrutura de fechamento – lembremos aqui do passado – como indicativas cabais do ser humano são fadadas ao fracasso, pois, não existe uma essência humana que possa dizer o que ele é instintivamente.

Por essa razão, só podemos nos aproximar da descrição humana por meio de metáforas, pois, sendo ela uma realidade aberta, não há como enquadrá-la, muito embora um entendimento a seu respeito seja possível, mas nunca definitivo. Na fenomenologia a percepção do humano a partir de suas muitas visadas e aparições permite a abertura necessária à investigação da realidade humana vista como nada de ser. É essa noção de subjetividade que este artigo resgatou e evidenciou por nos parecer coerente aos propósitos interpretativos desse estudo.

Este foi o caminho traçado, trazer a condição da subjetividade enquanto eu profundo amparado na relação entre literatura e filosofia, naquilo que ambas as tradições têm a dizer sobre o existente e que lancem luz sobre uma compreensão estética do indivíduo que, entre as

muitas responsabilidades que têm, pesa a de ter de se fazer. O sublime poderia ser dito como sendo aquilo que é capaz de produzir sensibilidades novas.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

BEAUVOIR, Simone. **A força da idade**. Trad. de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. **A força das coisas**. Trad. de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. **Balço final**. Trad. Rita Braga. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1982.

_____. **Memórias de uma moça bem-comportada**. Trad. Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

DANTO, Arthur C. **O Descrredenciamento Filosófico da Arte**. Trad. Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Trad. Anna Bostock. 7ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FUKS, Julián. **Romance: História de uma Ideia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HADOT, Pierre. **O Que é a Filosofia Antiga?** 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ISHIGURO, Kazuo. **Minha Noite no Século Vinte e Outros Pequenos Avanços**. Trad. Antonio Xerxenesky. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. Trad. Leonidas hegenberg e octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2011.

KNAUSGÅRD, Karl Ove. **A Morte do Pai – Minha Luta 1**. Trad. Leonardo Pinto Silva. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **Um Outro Amor** – Minha Luta 2. Trad. Guilherme da Silva Braga. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **A Ilha da Infância** – Minha Luta 3. Trad. Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. **Uma Temporada no Escuro** – Minha Luta 4. Trad. Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **A Descoberta da Escrita** – Minha Luta 5. Trad. Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **O Fim** – Minha Luta 6. Trad. Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LACOSTE, Jean. **A Filosofia da Arte**. Trad. Álvaro Cabral. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MÃE, Valer Hugo. **Contos de Cães e Maus Lobos**. 2ª ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos, ou, como se filosofia com o martelo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PLATÃO. **O Banquete**. Trad. Donald Schüler. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. de Paulo Perdigão. 14ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SÊNECA. **A Vida Feliz**. Trad. Fábio Meneses Santos. Jandira, SP: Principis, 2021.

SHEPARD, Sam. **Aqui de Dentro**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Estado Liberdade, 2017.

SMITH, Patti. **Só Garotos**. Trad. Alexandre Barbosa de Souza. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Linha M**. Trad. Cláudio Carina. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Devoção**. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **O ano do Macaco**. Trad. Camila von Holdefer. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TODOROV, Tzvetan. **A Beleza Salvará o Mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: as Aventureiros do absoluto.** Trad. Caio Meira. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2018.

TREVISAN, João Silvério. **Pai, Pai.** Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Meu Irmão, Eu Mesmo.** Rio de Janeiro: Alfaguara, 2023.

Submetido: 19/03/2024

Aprovado: 02/05/2024